

EDITORIAL

Nestes últimos números, 27º e 28º da Perspectiva Teológica, que completa seu 12º ano de existência, o professor Pedro Calderan Beltrão, da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e da Universidade Unisinos de São Leopoldo, apresenta no artigo "Sacralidade da Natureza? Ecologia Humana e valores ético-religiosos", a temática do seu curso Inter-disciplinar de Ecologia Humana, ministrado na universidade romana acima mencionada.

Por uma ironia da história como atesta o autor "os 'naturalistas' que pareciam propensos ao agnosticismo e ao ateísmo, são hoje os que mais chamam a atenção para o fato religioso". E isto, tanto em sentido positivo como negativo, atribuindo ao fator religioso grande parte da responsabilidade pela preservação ou degradação da natureza. No artigo, o autor examina o posicionamento dos maiores especialistas no assunto, especialmente no que diz respeito à influência negativa atribuída à tradição judaico-cristã. Tal questionamento interpela não só a consciência e práxis cristãs, mas também a fonte última que as forma e alimenta, ou seja a palavra de Deus comunicada na Sagrada Escritura e sua correta interpretação, no que tange as relações do homem com a natureza e desta com Deus. O homem, no dizer de um autor citado pelo articulista, Philippe Roqueplo, passou a considerar a natureza não mais como "Criação", um conceito cristão basilar, mas como puro projeto humano. E a Teologia, justamente a mais preocupada em acertar o passo com o pensamento hodierno, procurou sintonizar com o mesmo, no intuito de iluminá-lo com a luz da revelação e da fé. Mas com isto, relegou a natureza sempre mais à periferia no objeto central de toda reflexão hodierna: o homem. O homem, porém, tende a absolutizar o que lhe toma por inteiro o campo da consciência. Assim, a partir do momento em que se tornou ele próprio o objeto central de sua reflexão, passou a absolutizar-se a si mesmo. Agora, no momento em que começa a colocar no centro de suas atenções a natureza é importante que a redescubra como "Criação" e que nela se reencontre com o Criador. Daí a necessidade para a teologia de repensar o significado teológico da natureza. Pois se a natureza se reveste de uma dignidade teológica própria, que lhe advém pelo desígnio e ação de Deus que integra e lhe são inerentes como Criação, esta encerra em sua própria origem e

significado próprios, tanto seu verdadeiro sentido como seus precisos limites. Por isso, conclui o autor: "compete, pois, ao teólogo repensar o relacionamento, não só do ser humano com a natureza, mas da própria natureza com Deus, para que o hodierno 'ecologismo' não degenerem em panteísmo".

Em "Carta do Beato José de Anchieta, S.J., a um neopresbítero", J. Balduino Kipper, reconhecido exegeta e pesquisador bíblico, ao ensejo da beatificação do Apóstolo do Brasil, desenvolve sobre uma longa carta, quase desconhecida entre nós, mas de grande significado para o conhecimento da cultura e da espiritualidade de Anchieta, um notável trabalho de pesquisa, identificando-lhe todas as passagens bíblicas e apurando-lhes o sentido no contexto da carta. Transparece no trabalho não só a grande familiaridade com a Sagrada Escritura e a profunda espiritualidade de Anchieta, mas também os mesmos predicados somados à reconhecida acribia e retidão intelectual do autor do artigo.

Pius Sidegum enviou de Roma, onde realiza estudos especializados no Instituto de Psicologia da Universidade Gregoriana, o trabalho que segue, sobre a "Integração afetiva como pré-condição para a internalização de valores". Como assinala em subtítulo, o autor nele desenvolve "a leitura de alguns fatores que favorecem ou impedem uma integração psico-afetiva". Enraiza sua reflexão nas relações primordiais do ser humano no seio da família, onde tem início a formação da "memória afetiva" da pessoa. A importância desta "memória afetiva" reside no fato que configura uma predisposição em relação à realidade externa e interior, em face das outras pessoas, do meio ambiente e do mundo dos valores. Predisposição essa que impele o sujeito a agir e reagir não segundo a razão mas segundo a dinâmica das emoções inconscientes. A não haver um processo de integração dessas emoções, para a qual em certos casos não se pode prescindir da ajuda de outrem, a pessoa continuará a agir pela vida afora sempre sujeita às mesmas. Daí a necessidade, para a formação de uma personalidade livre a armônica, da integração de suas componentes emotivas, cognitivas e conativas.

Luís Sehnem, conhecido botânico, professor e pesquisador da Unisinos, tematiza em seu artigo "Evolucionismo e Creacionismo" o problema, sempre candente nos meios científicos, da origem e fixação das espécies. Desde que foi suscitado por Darwin, o problema divide os cientistas, entre os que atribuem tal origem a um processo de seleção natural e de adaptação a novas condições ambientais e os que, embora admitindo tal processo ao nível das pequenas mutações e diferenciações por fatores internos e exter-

nos, consideram, no entanto, essas alterações intra-específicas, como insuficientes para explicar adequadamente o surgimento de novas espécies. O autor, apoiando-se em sólidos princípios da genética e da bioquímica, posiciona-se claramente entre esses últimos. E aduz em favor de sua tese toda uma série de constatações resultantes de suas próprias pesquisas de inegável valor. Mas excluída a origem das espécies, por um projeto interno de autodiferenciação genotípica e fenotípica (cfr. a "teleonomia" de Monod), resta a indagar a quem atribuir então a origem das mesmas?... Ao azar ou a uma totipotência interna, não comprovada pela ciência? O autor, admitindo embora o evolucionismo das micro-mutações infra-específicas, pronuncia-se pela tese creacionista, no sentido de que o ato criativo eterno de Deus, atualiza seu efeito através das diversas eras, suscitando as novas espécies, em consonância com o surgimento das condições climáticas e edáficas apropriadas.

Enfim, em "O Pensamento religioso no século XX", Frederico Laufer, examina o fluxo das idéias religiosas que acompanham, seja como expressão, seja como inspiração o processo histórico em nosso século. Neste intento baseia-se principalmente na obra homônima de J. Macquarrie, recorrendo, no entanto também às análises de outros autores, como os do "Balancete da Teologia no século XX" e, em particular, de K. Rahner. Do artigo, com nítida preocupação ecumênica, transparece uma fundada esperança: que, da experiência religiosa do homem do século XX, ainda quando esta foi negativa, resulte para o homem uma nova compreensão de si mesmo e da sua intrínseca e radical relação com o seu Deus.

O presente número da Perspectiva Teológica completa-se com as Recensões e notas bibliográficas de praxe e o índice geral dos 28 números e doze volumes publicados pela Faculdade de Teologia Cristo Rei de São Leopoldo.

P. Leopoldo Adami